



DESIGUALDADES SOCIAIS E TELENÓVELAS: RELAÇÕES OCULTAS ENTRE FICÇÃO E RECONHECIMENTO¹

Lília Junqueira²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O texto a seguir apresenta a discussão desenvolvida no livro da autora de mesmo título, que se encontra em processo de editoração. Nele procura-se mostrar como foi possível, através da história das telenovelas, a geração e atualização de nossos princípios morais e elaborações psicológicas coletivas a respeito de nossas relações de desigualdade social. A telenovela é vista como um espaço onde estes princípios e percepções foram elaborados pela sociedade. Utiliza-se os conceitos de reconhecimento de Charles Taylor e campo e habitus de Bourdieu, para analisar uma grande pesquisa de recepção de telenovelas.

Palavras chave: desigualdades, estudos de recepção, telenovelas

Desigualdades sociais na dimensão moral e psicológica

Este texto apresenta, de forma resumida, o livro de mesmo título e autoria que se encontra em editoração. As desigualdades sociais no Brasil são muito fortes e sabemos que elas se apresentam nas mais diversas formas. Algumas destas formas são muito bem conhecidas, como por exemplo as desigualdades de renda. Elas tem origem na formação da nossa sociedade que cristalizou uma estrutura de renda muito rígida, na qual a distribuição de recursos é complexa. Não é difícil para o senso comum identificar este tipo de desigualdade. Nos deparamos com ela todos os dias quando andamos nas nossas cidades e encontramos, junto à classe média, pessoas vivendo na pobreza, seja nas metrópoles, no interior ou no meio rural.

As desigualdades de ordem política também são bastante conhecidas. Todos percebem as diferenças de poder entre pessoas do meio rural mais pobre e pessoas que dispõem de recursos financeiros, ou pessoas que sempre estiveram envolvidas na política e conseguem fazer seus projetos se tornarem realidade com uma facilidade muito maior do que a maioria das pessoas. As desigualdades econômicas e políticas

¹ Texto apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 4 a 7 de setembro de 2009, na Universidade Positivo, Curitiba, PR.

² Lília Junqueira é doutora em Sociologia Política pela Université Paris VII, França, professora e pesquisadora em Sociologia e Comunicação. Atua no Programas de Pós-graduação em Sociologia, e é colaboradora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, ambos da Universidade Federal de Pernambuco. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa Sociedade, Cultura e Comunicação do PPGS-UFPE e pesquisadora membro do Obitel-Brasil.



privam os indivíduos dos recursos necessários para que eles possam viver bem na sociedade, além de gerar preconceitos e estigmas.

No âmbito acadêmico, nas instituições governamentais e nos movimentos sociais tem se desenvolvido muito o interesse por diferenças sociais menos perceptíveis para o senso comum, mas que já são bem conhecidas no meio acadêmico, sobretudo em ciências sociais. São desigualdades como as de gênero, etnia, crenças e geração. Estas desigualdades se caracterizam por serem mais sutis e passarem, muitas vezes, despercebidas pela maioria das pessoas. No entanto, os seus efeitos em termos de violência sobre as pessoas e os grupos não são menores, pelo contrário, muitas vezes são extremamente traumáticos, já que os atingem muito mais fortemente em sua dignidade moral e psicológica. É mais difícil definir, no plano material, a carência que origina estas desigualdades. Não são exatamente os recursos materiais que estão em questão, também não é somente o poder político clássico, ou seja, o poder de tomar decisões nas instâncias políticas oficiais da sociedade.

Embora estas desigualdades possam ser observadas a partir de um ponto de vista econômico e político, (por exemplo, se queremos estudar as razões do menor salário atribuído às mulheres mesmo que elas realizem o mesmo trabalho que os homens, ou o pequeno número de mulheres nas instâncias políticas de decisão nacionais, ou ainda o pequeno número de negros nas universidades e o grande número de negros entre os indivíduos desempregados), somente podemos conhecer suas verdadeiras causas quando entramos em dimensões mais profundas do tecido social, nas quais o indivíduo é frontalmente implicado: as dimensões moral e psicológica. Estas dimensões se referem a um mundo vivido pelos indivíduos, muitas vezes de forma inconsciente. Nelas lidamos com as idéias e sentimentos internalizados pelo processo de socialização e pela cultura desde a infância, com processos de experiências psicológicas que formaram os indivíduos e que se revelam em suas percepções, sentimentos e pensamentos nas interações e nas relações sociais de toda ordem.

Se explorarmos a questão de gênero, por exemplo, podemos encontrar níveis mais facilmente perceptíveis ou materializáveis de diferenças entre homens, mulheres e homossexuais como o lugar que ocupam na sociedade, na economia e na política, mas também níveis mais subjetivos, que fazem um grande apelo à sensibilidade do sociólogo para serem atingidos. Dentro das diferentes categorias de gênero, podemos encontrar formas diversas de perceber, pensar, sentir a realidade, que são de difícil categorização, mas que também apresentam regularidades. Conhecer estas formas pode ajudar a



explicar certas manifestações de dominação originadas nas desigualdades de gênero, e a forma como elas se entrelaçam com as demais desigualdades, como a de classe e a de renda.

Por exemplo, se uma mulher jovem e culta, de classe média, habitando uma grande metrópole, percebe sua condição de gênero como limitada a uma forte submissão aos homens, esta percepção pode levá-la a sofrer algum tipo de violência psicológica, caso ela encontre uma maioria de homens no seu meio social mais próximo, que não vejam as relações da mesma forma, o que é relativamente provável, numa sociedade onde a maioria das mulheres de classe média estudam, trabalham e buscam autonomia.

Por outro lado, se a jovem em questão vive numa cidade do interior onde o cotidiano é regido pela moral católica, é negra, mas é liberada em termos de comportamento pessoal, e se ela percebe, pensa e sente que a relação com os homens deve ser de completa autonomia, ela poderá ter dificuldades para encontrar homens do seu meio social que dêem respaldo a suas expectativas amorosas. Esta e outras dificuldades envolvidas, podem significar para ela uma violência moral e psicológica.

Isto acontece por que, antes de serem mulheres de determinadas classes, elas estão expostas a uma moral determinada, e a uma constituição psicológica determinada. Estas diferenças morais e psicológicas atuam fortemente no plano social, reforçando ou diminuindo a potência da violência simbólica vivida nas situações onde as desigualdades sociais estão em questão. Em outras palavras, embora tais diferenças sejam vividas no plano individual, por vezes de forma solitária, elas podem determinar muitas coisas no plano social.

Nestes exemplos, a moral social não está de acordo com o padrão psicológico do indivíduo. Mas há também outras configurações possíveis, nas quais, por exemplo, o padrão psicológico é uma exacerbação da moral social, ou ainda, ambas passam por períodos de mudanças.

Para entender estas desigualdades é preciso, muitas vezes, entrar na dimensão do inconsciente e perceber como os indivíduos estão percebendo, pensando e sentindo suas interações sociais, mesmo se eles mesmos não tem consciência disso. Mas, como fazer isso sem perder o foco na dimensão social, ou seja, como não perder de vista que as formas individuais de viver as relações são também sociais, na medida em que se constroem para e na dimensão social; É neste ponto que entra no nosso raciocínio a pesquisa com as telenovelas.



Estudar as desigualdades sociais através do discurso sobre as telenovelas é uma forma de conhecer melhor, através das interpretações e do julgamento que as pessoas fazem das personagens, as percepções, pensamentos e sentimentos destas pessoas a respeito de algumas de suas relações sociais. Em outras palavras, chegar a causalidades morais e psicológicas que estão agindo no interior das classes sociais estudadas. Levando-se em consideração que as telenovelas são assistidas por todas as classes sociais no Brasil e que, portanto, possibilitam comparar interpretações e julgamentos de classes sociais diferentes, é possível alcançar algum conhecimento a respeito das bases morais e psicológicas das desigualdades de classe, gênero e de geração, levando muito em conta o entrelaçamento entre elas.

A leitura das telenovelas revelou-se um objeto de estudo muito rico para este objetivo. Em primeiro lugar ela possibilitou que todas as pessoas entrevistadas, de classes sociais diferentes, se posicionassem a respeito dos mesmos modelos de ação, de comportamento e de interação sociais. Este mecanismo possibilitou a comparação entre modos individuais de ler dentro da mesma classe e entre classes.

Em segundo lugar, a natureza da comunicação que se estabelece entre o público e as telenovelas possibilita a emergência de elementos inconscientes determinantes dos posicionamentos das pessoas. A linguagem da imagem e da emoção utilizada pelas telenovelas permite que aflorem identificações e projeções com as personagens. Por último, ajuda a observar, através da análise das semelhanças e diferenças nas leituras, a existência de regularidades ou de certos habitus de interpretação que são apresentados e explorados neste livro.

Habitus, campo e ficção como pontos de partida teóricos

O livro pretende também apontar alguns argumentos teóricos e dados empíricos que dão sustentação à idéia da existência de um campo de discussão sobre as desigualdades sociais que é gerado pelo gênero da ficção. As telenovelas, em especial, produtos culturais característicos da América Latina e do Brasil, mantém uma forte e constante comunicação com o público, a qual não pode mais ser limitada às funções de entretenimento e de dominação ideológica. Questões relativas à percepção, sentimento e



à moral ligadas à vivência das desigualdades sociais na sociedade brasileira são tratadas pelas telenovelas e lançam verdadeiras pautas de discussão nacional.

A sociologia da comunicação sempre se preocupou com o problema das desigualdades, pois a mídia surgiu junto com a sociedade moderna, exercendo um papel fundamental na transformação da esfera pública (Habermas, 1984). A mídia tem sido considerada pelas ciências sociais e pelas ciências da comunicação contemporâneas enquanto espaço público do qual emergem demandas direcionadas ao funcionamento democrático das instâncias sociais do direito e da administração (Costa, 1996). Mas nestes termos, a mídia é reduzida ao gênero jornalístico e à informação.

As abordagens teóricas convencionais colocam sérias limitações à exploração deste tema de estudo. A abordagem da teoria crítica apresenta um grave problema, uma vez que considera o consumo de mídia como a reprodução pura de uma ideologia dominante. O conceito de Indústria Cultural não permite que se penetre na dimensão da interação entre espectador e mensagem. Estudar a dimensão da comunicação entre público e telenovela se resume a apontar novas formas pelas quais a classe dominante reproduz seu poder de legitimação moral perante a sociedade como um todo.

Os teóricos da Escola dos Estudos Culturais foram os autores que inauguraram os estudos de recepção, mídia e televisão e se interessaram pelas telenovelas. A partir do conceito de mediações, toda recepção é estudada através da forma como as condições sociais externas a influenciam. Procuram a explicação para a experiência das identificações e das projeções entre telespectador e telenovela na dimensão objetiva externa, na dimensão econômica e política da sociedade. A teoria crítica e os Estudos Culturais apresentam a limitação intrínseca do paradigma marxista, que é deslocar a questão da percepção e do sentido para fora deles mesmos, para um espaço externo (Rouanet, 1987)

A contribuição de Pierre Bourdieu, embora fosse tomada por Raymond Williams em alta conta, nunca havia sido explorada no Brasil devido a um forte bloqueio colocado pela sua visão geral da mídia. Seu único livro sobre a mídia “Sobre a Televisão” (1997) faz uma crítica à pretensão de verdade presente no *métier* jornalístico e critica as relações entre este campo e o campo intelectual. No entanto, como o livro que ora apresentamos pretende mostrar, devido a transformações que vem ocorrendo no âmbito da produção e recepção de telenovelas, passa a ser possível, recentemente, a apropriação dos conceitos de capital, habitus e campo para uma análise interna do processo de



comunicação que se instala entre os telespectadores e a produção e criação das telenovelas.

A história da telenovela no Brasil pode ser resumida em três fases: De 1963 até 1970, temos o surgimento da novela diária e uma produção fortemente orientada pelo mercado industrial e pela censura federal. A segunda fase coincide com a década de 80 e é caracterizada pelo fortalecimento da televisão no Brasil, pelo fortalecimento da rede Globo e pelo enfraquecimento da censura. A terceira fase vai da década de 90 até os dias de hoje, na qual surgem a interatividade e os híbridos de forma e linguagem.

A partir de 2000 a telenovela passa a ultrapassar as funções de entretenimento e aceleração do consumo, ou publicidade devido a um conjunto de processos de mudança que passam a condicionar o trabalho de produção. Transformações no mercado mundial de ficção como a verticalização³ e a inserção de tecnologia tem como consequência a ampliação do tempo de teleficção na grade de programação geral da televisão. O aumento da concorrência e da luta por audiência entre as empresas pressiona os profissionais ocupados na criação das histórias a considerar cada vez mais o contato e a aprovação da audiência. Os autores e suas equipes deixam pouco a pouco de sofrer interferências diretas do mercado industrial e da censura e passam a ter que dialogar muito mais com a audiência.

Internamente, a telenovela aumenta muito. O número de tramas que se enredam nas histórias são cada vez mais numerosas, criando um espaço de narrativa que tende a se distanciar da trama central melodramática, apresentando novas possibilidades de esquemas narrativos, de linguagens, de exploração de temas. Neste espaço se desenvolvem também formas alternativas de construção dos personagens e conseqüentemente, diversifica-se o tratamento das questões perceptivas, afetivas e morais presentes nas interações sociais apresentadas. Em resumo, o leque de estereótipos aumenta sensivelmente em meio ao processo constante de mistura de gêneros narrativos.

Tais processos de mudança vão proporcionar a re-configuração da teledramaturgia nacional, de sessão empresarial de produção de entretenimento, a campo cultural e profissional, no sentido dado por Bourdieu. Junto ao público, a telenovela vai instalar pouco a pouco um espaço de discussão sobre questões éticas e morais, mas sempre a

³ Processo pelo qual as empresas multinacionais do audiovisual tornam-se conglomerados e passam a produzir sozinhas produtos que antes eram produzidos por empresas separadas. Assim uma empresa que antes produzia filmes cinematográficos, passa a produzir também filmes para televisão, seriados, séries e telenovelas.



partir de temas tratados a partir de um eixo afetivo, subjetivo, presente nas interações, sobretudo familiares. A característica da comunicação que a telenovela desenvolve com o público continua sendo emocional, a partir de identificações e projeções com os personagens.

As desigualdades sociais e as telenovelas como problema de investigação

Nesta discussão entre telenovelas e público aparecem vários tipos de desigualdades sociais. Quando observamos de perto esta discussão percebemos a concomitância de dois processos. Em primeiro lugar, as formas tradicionais de contar histórias de heróis e heroínas e os finais felizes não desaparecem. Junto ao público, percebe-se que nos 45 anos de telenovelas desenvolveu-se um consenso de interpretação que pode ser visto como um habitus. Nos anos 60 e 70, vemos surgir as duas matrizes perceptivas, afetivas e morais da criação de telenovelas: o romantismo oitocentista, baseado na literatura romântica que se adaptou muito bem à narrativa em estilo melodramático ao gosto popular, e o que chamamos aqui de modernismo-personalista, ou seja, uma matriz calcada no movimento literário modernista, que contém as suas características principais, como a busca da identidade nacional e a revelação do desnível das condições materiais no país, que geraram a naturalização da miséria, da fome, e da tristeza nacional. Esta última foi desenvolvida pela criação de telenovelas a partir de uma simplificação, ou tradução para o senso comum do modernismo literário. O modernismo-personalista pode ser identificado facilmente a partir dos modelos ideais desenvolvidos por Roberto Damatta e se ajustam perfeitamente aos estereótipos de personagens e relações construídos nas telenovelas. Esta apropriação tornou-se uma das principais matrizes do habitus de criação de telenovelas no Brasil, sobretudo a partir de 1968, com o início da fase da história das telenovelas conhecida como o seu processo de “abrasileiramento”.

Até os anos 80 as novelas produziam, predominantemente, uma única estrutura de percepção e sentimento das desigualdades, dividida em duas matrizes principais. O patriarcalismo, a dominação do homem branco e adulto sobre as mulheres, os negros e os jovens e crianças predomina nas adaptações do Romantismo do século XVIII e de



obras modernistas como a de Jorge Amado. Janete Clair e Dias Gomes são alguns dos principais construtores desta estrutura. A partir dos anos 80, este *habitus* de escritura das novelas vai sendo desdobrado em formas afirmativas e inversas, que mantêm algo novo sustentado pela matriz original seja positiva ou negativamente. O Romantismo humorístico de Cassiano Gabus Mendes, por exemplo, pode ser visto como um desdobramento inverso do Romantismo original, pois nele, o amor romântico aparece numa forma risível. O mesmo acontece com a matriz Modernista-personalista, da qual a obra de Gilberto Braga constitui um desdobramento afirmativo. Neste processo de desdobramento, identificamos as mudanças na moral religiosa que ocorrem sobretudo nos anos 90, como um dos fatores mais importantes para o distanciamento geral do *habitus* de criação das telenovelas das duas matrizes originais. Este distanciamento possibilita pouco a pouco o tratamento de questões sociais nas tramas secundárias até atingir a sua forma mais objetiva que é o *merchandising social*⁴.

As formas originais não desaparecem, convivendo com as novas. Este mecanismo permite que o público entre em contato com novas formas de abordagem das desigualdades sociais, sem um choque que viria de uma mudança radical. Simultaneamente, a criação e a recepção, vão mudando lenta e progressivamente ao longo das décadas, embora as novelas estejam sempre à frente da moral social.

O *habitus* de comunicação

A partir da configuração da teledramaturgia nacional enquanto campo social (e não mais enquanto uma sessão da produção industrial de cultura dentro de um monopólio empresarial), e levando em consideração as especificidades técnicas da comunicação que as telenovelas tem com o público (como as emoções como matéria prima do discurso, aprofundado pela narrativa através de imagens e movimento, o longo período de contato com o público⁵, entre outros) passa a ser possível pensar o espaço de comunicação entre a criação e o público em termos políticos no sentido dado ao termo pela teoria do reconhecimento.

⁴ O termo *merchandising social* é utilizado para definir uma inovação feita pelos autores nas novelas da última década, na qual problemas sociais são tratados a fundo nas tramas. Uma trama pode ser inteiramente dedicada a determinado problema ou ainda apresentar depoimentos de pessoas comuns atingidas por este problema nas novelas. O *merchandising social* é bastante explorado nos trabalhos de Manuel Carlos, por exemplo.

⁵ A exibição de uma novela no Brasil dura cerca de 8 meses.



Com efeito, junto ao público, as telenovelas desenvolvem uma forma determinada de comunicação, dentro da qual é desenvolvido também um habitus. Um habitus de comunicação. O público construiu junto com os profissionais da criação de telenovelas no período dos seus 45 anos de existência, uma forma determinada de ler as novelas, baseada nas duas matrizes originais e nos seus desdobramentos. Um exemplo deste processo é que os telespectadores mais idosos usam muito mais as chaves de leitura (ou as disposições interpretativas) dadas nas matrizes originais, enquanto os mais jovens conhecem melhor os seus desdobramentos mais recentes.

Os principais resultados da análise deste habitus de comunicação apresentam idéias totalmente novas no campo dos estudos sobre o tema. Em primeiro lugar, observa-se que o habitus de criação do campo teledramatúrgico está íntima e fortemente articulado ao habitus de fruição das novelas por parte do público. Enquanto as classes subalternas ligam a ética à estética, as classes médias tendem a separá-las. As primeiras vêm sempre os personagens através de um julgamento de natureza moral, enquanto as segundas avaliam os personagens por um prisma psicológico, justificando suas ações.

As desigualdades sociais de classe, gênero, etnia e idade estão interligadas tanto no discurso das telenovelas quanto no do público, no entanto, há adaptações do habitus de comunicação segundo a classe social. Cada classe tem características próprias de comunicação com as telenovelas, ou seja, seu próprio habitus de leitura, que está fortemente baseado no habitus geral de comunicação, ou seja, do desdobramento das matrizes pelas telenovelas. Neste sentido, há tendências (apenas tendências, com várias exceções) de que as classes mais baixas e os telespectadores mais idosos continuem lendo as novelas a partir das matrizes originais. As classes médias e os mais jovens, absorvem rapidamente formas de comunicação mais recentes, como o romantismo futurista de Glória Perez, por exemplo. As exceções são encontradas principalmente em discursos de telespectadores que estão estudando no momento da entrevista ou de nível escolar mais alto, reforçando o efeito já conhecido de que a educação permite ao telespectador elevar-se acima do habitus do campo de criação das novelas.

As novelas e os fundamentos afetivos das desigualdades sociais

Na década de 2000 podemos perceber uma inovação geral no discurso sobre as desigualdades. O ponto forte é o enfrentamento das desigualdades de classe no Brasil,



da violência simbólica de uma classe sobre a outra, que passa a ser retratada nas novelas. A obra de Aguinaldo Silva⁶ é o motor desta tendência. Os negros, as favelas, os pobres e seus problemas passam a integrar a pauta de discussão, além disso o *merchandising social*⁷ permite incluir outras exclusões e discriminações como as relativas a doenças e vícios que afligem a sociedade brasileira. As classes sociais vão sendo convidadas a abandonar uma postura de oposição com relação à classe contrária e a superar as desigualdades sociais. Este convite se faz via os mecanismos de identificação e projeção com os personagens. Desta forma, a raiz inconsciente, afetiva das desigualdades sociais tem a possibilidade de ser trabalhada, e uma mudança no *habitus* tem chance de ocorrer a longo prazo.

Devido a este movimento de expansão interna das novelas ocorrido nos anos 2000, a multiplicação das tramas secundárias que se distanciam do melodrama da trama central, fortemente romântico, passam a possibilitar leituras muito mais distantes destes padrões. Ao mesmo tempo, os telespectadores passam a disponibilizar de um leque muito maior de possibilidades de identificações e de projeções com os personagens. A partir daí os usos das telenovelas se expandem extraordinariamente, embora permaneçam dentro dos limites do socialmente aceitável, ou seja, dentro da moral estruturada de cada classe social. Dentro deste novo espaço aberto pela transformação da comunicação entre público e telenovelas, é possível encontrar disposições morais para as desigualdades sociais. É possível observá-las objetivamente através do discurso dos telespectadores sobre as histórias, os personagens e suas relações. Ao falar das telenovelas, os indivíduos fazem naturalmente a passagem para experiências pessoais e de pessoas conhecidas, fazem observações, julgamentos, além de identificações e projeções com os personagens, e tentam a partir deles conhecer, entender ou apresentar novas formas de pensar e sentir suas experiências de vida e da sociedade em que vivem.

O valor maior destes discursos é a possibilidade que eles apresentam de conhecer os fundamentos afetivos das disposições sociais, já que o tema e a linguagem principais da comunicação entre telenovelas e telespectadores situam-se no universo emocional. Torna-se possível, a partir daí, estudar as desigualdades sociais de uma forma não limitada àquilo que pode emergir no espaço público, mas conhecer as demandas que ainda não estão expressas racionalmente. Estes processos dão às telenovelas, sobretudo

⁶ Aguinaldo Silva escreveu alguns sucessos de audiência como *Senhora do Destino* (2004) e *Duas Caras* (2007)



as brasileiras um caráter político que não se encontra em nenhum outro tipo de ficção no mundo. As Teorias do Reconhecimento foram acessadas para compreender estes processos, principalmente as contribuições de Charles Taylor e Axel Honneth.

Apresentação geral do livro

O percurso das telenovelas foi examinado minuciosamente, de 1970 até 2008, com base na literatura sobre as telenovelas produzida pela academia, pelo Núcleo de Telenovelas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pelos Relatórios do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva - OBITEL 2006 e 2007 e em documentação da Rede Globo de televisão, como por exemplo o Dicionário da TV Globo sobre dramaturgia e entretenimento de 2003. A primeira pesquisa de recepção apresentada foi realizada em 1993, relativa à novela *Renascer* de Benedito Rui Barbosa. Em seguida, são apresentadas pesquisas de recepção de *Laços de Família* (2000, Manoel Carlos), *O Clone* (2001, Glória Perez), *Esperança* (2002, Benedito Rui Barbosa), *Senhora do Destino* (Aguinaldo Silva, 2004), *Belíssima* (2005, Sílvio de Abreu), *Páginas da Vida* (2006, Manoel Carlos), e *A Escrava Isaura* (Record, 2006, Tiago Santiago e Annamaria Nunes).

As pesquisas de recepção foram realizadas em sua maioria, no estado de Pernambuco, sobretudo Recife e região metropolitana, com exceção do estudo de 1993 sobre a novela *Renascer*, que foi realizado com telespectadores de Brasília e São Paulo. A metodologia utilizada variou de pesquisa para pesquisa. A maioria utilizou pesquisas de campo com grupos focais, entrevistas, e observações em visitas a residências, sempre com exibição prévia de edições das novelas em cada sessão.

A primeira parte apresenta o quadro teórico, no qual justifica-se o distanciamento com relação ao paradigma dos Estudos Culturais e a aproximação com o pós-estruturalismo genético de Pierre Bourdieu e com as Teorias do Reconhecimento. Na segunda parte são discutidos problemas colocados pela especificidade do objeto de estudo, ou seja, como é possível estudar as desigualdades sociais via as telenovelas. Nela são apresentadas as conseqüências dos processos de verticalização e desregulamentação, a expansão da capacidade de recepção de teledramaturgia no Brasil e a conseqüente expansão interna e externa das novelas. Na terceira parte são



apresentadas e discutidas as duas matrizes originais da criação de telenovelas e o seu primeiro desdobramento ocorrido nos anos 80. A quarta parte apresenta os desdobramentos ocorridos nos anos 90 e 2000, em concomitância com o início de um processo de retração da desigualdade de renda no país. As partes 5 e 6 são consagradas às análises da recepção das novelas. A parte 5 explora uma comparação entre a classe média e as classes mais baixas, inclusive os habitantes das favelas em diferentes estados do Brasil. Na parte 6 são focalizadas as desigualdades de gênero e o universo dos telespectadores de Recife em processo de ascensão social.

Na conclusão são apresentadas algumas idéias que sintetizam os resultados do conjunto de pesquisas e análises apresentados no corpo do livro. A primeira é o fortalecimento da idéia de que o reconhecimento dos indivíduos enquanto seres sociais passa pelo reconhecimento como indivíduo no mundo. A consciência de si enquanto ser em transição, que faz uma trajetória, assim como os personagens nas novelas, é essencial e anterior à construção da autonomia social. A segunda é o delineamento do espaço de discussão gerado pelas telenovelas. Aponta-se dois aspectos pelos quais este espaço pode ser estudado. De acordo com os estudos apresentados, ele pode ser estudado como um elemento acelerador da re-socialização das classes que estão em processo de ascensão, através da colocação em discussão coletiva do habitus individual. Uma outra forma é enquanto espaço público, no âmbito da ação dos atores sociais e das ONGS, com a diferença de que as demandas ao Estado e às empresas se referem a temáticas simbólicas, morais e afetivas e não objetivas, materiais e concretas.



BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento.** São Paulo, Edusp, 2007.
- _____ et PASSERON, J.C. “**Langage et rapport au langage dans la situation pédagogique**” in: Rapport Pédagogique et Communication. Cahiers du Centre de Sociologie Européene. Paris, Mouton, 1965.
- _____ “**Mas quem criou os criadores?**” in: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- _____ **Choses dites.** Paris, Éditions de Minuit, 1987.
- _____ **Médiations pascaliennes.** Paris, Seuil, 1997-a.
- _____ **A dominação masculina,** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- _____ **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997-b.
- _____ **Le sense pratique,** Paris, Minuit, 1980.
- _____ **La misère du monde.** Paris, Seuil, 1993.
- _____ et DARBEL, Alain. **L’amour de l’art. Les musées d’art européens et leur public.** Paris, Éditions de minuit, 1969.
- _____ **La Noblesse d’Etat: grands écoles et esprit de corps.** Paris, Éd. De Minuit, 1989.
- LOPES, Maria Immacolata V. de, e VILCHES, Lorenzo (orgs) Anuário OBITEL 2008. “**Mercados globais histórias nacionais**”, São Paulo, Globo, 2008.
- LOPES, Maria Immacolata V., BORELLI, S.,RESENDE, Vera R.**Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo, Summus, 2002.
- HABERMAS. Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1984.
- COSTA, Sérgio. **Contextos da construção do espaço público no Brasil.** Texto apresentado no XX Encontro da ANPOCS em 1996.
- MATTELART, Armand e NEVEU, Erik. **Los Cultural studies. Hacia una domesticación del pensamiento salvaje.**Buenos Aires, Ediciones de Periodismo y comunicación, 2002.
- MATTOS, Patrícia. **A sociologia política do reconhecimento. As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser.** São Paulo, Annablume, 2006.